

“A PEDRA DE UMA TARTARUGA”: O HERÓI TRIVIAL NO POEMA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

“THE STONE OF A TURTLE”: THE TRIVIAL HERO IN JOÃO CABRAL DE MELO NETO’S POEM

Larissa Micaelly Adolfo da Silva¹ (UEG/CNPq)

Samuel Carlos Melo² (UEG/Posli)

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar o poema “A tartaruga de Marselha”, de João Cabral de Melo Neto, com ênfase no processo de trivialização do herói. Para isso, nós dividimos o trabalho em três momentos. No primeiro momento, abordaremos os aspectos gerais das obras de João Cabral de Melo Neto, sua escrita, estrutura e a ligação entre suas obras com foco especial em *Crime na calle Relator* (1987), à qual pertence o poema objeto da análise. No segundo momento, traremos uma perspectiva panorâmica sobre o poema narrativo, com foco nas transformações históricas e estrutural que influíram no processo de trivialização do herói épico. Por fim, no terceiro momento, realizaremos a análise do poema “A tartaruga de Marselha”, com um enfoque especial no herói representado no poema e nas modificações que essa representação traz em relação à tradição épica, bem como os efeitos de sentido, observando o movimento de aproximação e afastamento das preceptivas épicas. Para embasar nossa análise, recorreremos, dentre outros, aos trabalhos de João Adolfo Hansen (2008), Flávio René Kothe (1985), Wilquer Quadros dos Santos (2011) e Alcides Villaça (2010).

PALAVRAS-CHAVE: Poema narrativo. Poesia brasileira. Poesia moderna.

ABSTRACT: This work aims to analyze the poem “A tartaruga de Marselha” by João Cabral de Melo Neto, with emphasis on the process of trivialization of the hero. To achieve this, we divided the work into three moments. In the first moment, we will address the general aspects of João Cabral de Melo Neto's works, his writing, structure, and the connection between his works, with a special focus on *Crime na calle Relator* (1987), to which the poem under analysis belongs. In the second moment, we will provide a panoramic perspective on the narrative poem, focusing on historical and structural transformations that influenced the process of trivializing the epic hero. Finally, in the third moment, we will conduct an analysis of the poem “A tartaruga de Marselha,” with a special focus on the hero represented in the poem and the modifications this representation brings in relation to the epic tradition, as well as the effects of meaning, observing the movement of approaching and distancing from epic precepts. To support our analysis, we turn to the works of João Adolfo Hansen (2008), Flávio René Kothe (1985), Wilquer Quadros dos Santos (2011), and Alcides Villaça (2010), among others.

KEYWORDS: Narrative poem, Brazilian poetry, Modern poetry

¹ Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Oeste – UnU de Iporá. Foi bolsista de Iniciação Científica (Pibic/CNPq). E-mail: larissamicaelly696@gmail.com.

² Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de Teoria Literária e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Goiás (UEG/ Posli). E-mail: samuel.melo@ueg.br.

Crime na calle Relator

Como observou Alfredo Bosi, desde **Pedra do sono** (1942), João Cabral de Melo Neto (1920-1999) buscou aparar suas imagens “[...] de resíduos sentimentais ou pitorescos, ficando-lhe nas mãos apenas a nua intuição das formas (de onde o geometrismo das formas de alguns poemas seus) e a sensação aguda dos objetos que delimitam o espaço do homem moderno[...]” (Bosi, 1994, p.469). De acordo com Bosi, após abandonar os resquícios surrealistas da obra de estreia, a partir de **O Engenheiro** (1945) e **Psicologia da Composição** (1947), o poeta recifense passa a realizar um verso “substantivo e despojado”, instaurando “um novo critério estético, o rigor semântico, pedra de toque de sua radical modernidade” (BOSI, 1994, p.470).

Dessa forma, no geral, as obras de João Cabral de Melo Neto se notabilizaram pelo uso de linguagem precisa e econômica, caracterizada por um rigor formal e uma busca pela objetividade. A composição de seus poemas, então, é marcada pela atenção aos detalhes, apresentando uma grande influência de elementos visuais que emergem ao leitor em seus textos, resultando em uma poesia "concreta" que valoriza a forma e a estrutura. De acordo com Wilker Quadros (2011), a escolha de seu vocabulário e da métrica de suas obras, assim como a habilidade com as palavras, revelam uma busca constante pela essência do poema:

Assim, constitui-se a obra de João Cabral de Melo Neto, marcada pelas paisagens do Nordeste brasileiro e pela geografia espanhola, recortada pela linguagem hermética, lacônica e concreta em busca da palavra concisa que supra seu labor poético (SANTOS, 2011, p. 13).

Do ponto de vista temático, afirma o autor, em sua maioria, as composições de João Cabral exploram temas do sertão nordestino, retratando a aridez e a dureza da vida na região, bem como elementos culturais e sociais que permeiam essa realidade.

O poema que será objeto de estudo deste trabalho, “A tartaruga de Marselha”, faz parte do conjunto de 16 poemas narrativos de **Crime na calle Relator**, obra de João Cabral de Melo Neto publicada no Rio de Janeiro, em 1987. Além do rigor formal e a presença do sertão, marcas da poética cabralina, os poemas que compõem a obra estão “[...] inseridos nos mais diversos ambientes e espaços, que vão de cidades da Espanha, a bairros, ruas, monumentos, aspectos geográficos da região da Andaluzia e do continente europeu [...]” (SANTOS, 2015, p. 254). Segundo Quadros (2015, p. 254), escrita entre os anos de 1985 e 1987, a obra faz parte de “[...]”

SILVA, Larissa Micaelly Adolfo da; MELO, Samuel Carlos. “**A pedra de uma tartaruga**”: o herói trivial no poema de João Cabral de Melo Neto.

um momento de distanciamento do autor, visto ser sua residência na cidade do Porto, devido à sua carreira de diplomata [...]”.

Em entrevista para o **Jornal Letras**, no dia 5 de janeiro de 1988, em Lisboa, Cabral conta que, inicialmente, **Crime na calle Relator** seria composto por apenas 14 poemas, entretanto, no último momento antes de sua publicação, já estando em solo brasileiro, decidiu inserir mais dois poemas: “O bicho” e “História de mau carácter”. Segundo o poeta, esses poemas, menores que os demais que já faziam parte da obra, foram compostos a partir de anedotas, pois “[...] queria ver se uma anedota poderia se transformar em um poema”(MELO NETO *apud* ATHAYDE, 1998, p.119).

Nessa mesma entrevista, João Cabral conta como escreveu o poema homônimo ao título do livro, “Crime na calle relator”. De acordo com o poeta, uma “bailarina de flamenco” foi quem lhe teria contado essa história. Segundo ele, como todas as outras histórias da obra, essa também é fruto de eventos que, de fato, aconteceram:

Aconteceu quando ela era mocinha-tinha 16 anos- e morreu a avó. Achei a história estupenda porque ela matou e não matou a avó. Ela vivia com essa preocupação na cabeça e, um dia, dada a confidências, me consultou, querendo saber minha opinião, se eu achava que ela tinha matado a avó. (MELO NETO, 1988 *apud* ATHAYDE, 1998, p.119-120)

Embora os temas dos poemas sejam diversos, há uma conexão entre as narrativas da obra. Como observa Wilker Quadros (2011, p. 59), desde o título “[...]são desveladas as três facetas que marcarão os poemas: morte (culpabilidade), *calle* (a presença da Espanha) e relator (a presença do contador de histórias). A ideia de morte, crime, culpa e inocência está inserida em vários poemas do livro”. Esses temas são trabalhados pelo poeta recifense em histórias carregadas de experiências vividas e ouvidas, estabelecendo uma ligação entre seu país e o mundo:

Nas pequenas narrativas historicizadas em versos, o narrador passeia pelas diversas classificações, ora sendo o narrador de suas próprias histórias, ora é o eu como testemunha dos causos e situações acontecidas, ora reserva-se a posição heterodiegética de relator (SANTOS, 2011, p. 13).

A ligação existente entre as demais obras de Cabral se dá por meio do retrato social que, mesmo de forma não explícita, está sempre presente em seus textos, como em **Morte e vida severina** (1954) que retrata as dificuldades enfrentadas por um retirante no sertão nordestino e

SILVA, Larissa Micaelly Adolfo da; MELO, Samuel Carlos. **“A pedra de uma tartaruga”: o herói trivial no poema de João Cabral de Melo Neto.**

todos os problemas que envolvem seu dia-a-dia. Além disso, o que também evidencia a marca de sua escrita é a junção de “temas, como morte, vida, dureza, anedotas, crítica social, metalinguagem, e espaços como o Recife de sua infância e a Sevilha de sua vida de diplomata, que anteriormente já falara em seus textos” (SANTOS, 2011, p. 96), usados de forma crítica e com tom de humor, como também observado por Sara Branderello:

Os poemas exploram narrativas em que as dicotomias de culpa/inocência, autoridade/subalterno são questionadas, num desafio a categorizações rígidas. Isso revela como a “voz baixa e divertida” da coletânea cabralina, para retornar à formulação de Silviano Santiago mencionada no início deste estudo, não prejudicou, mas antes contribuiu para a sua contínua reflexão sobre questões de representatividade e exclusão. Desse modo, o poeta deu visibilidade a grupos tradicionalmente marginalizados, ao articular a sua leitura do Brasil, olhando para o seu país e para outros espaços para além de suas fronteiras. (BRANDERELLO, 2005, p.320)

“A tartaruga de Marselha”, objeto desta pesquisa, tem como espaço a cidade francesa de Marselha. O poema narra a história de uma mulher que, após um desentendimento, sai de casa, levando seu animal de estimação, uma tartaruga, com o objetivo de tirar a própria vida e acabar com aquele sofrimento. Entretanto, no momento em que iria concluir o suicídio, observa que a tartaruga não tinha culpa e, assim, não merecia ter sua vida findada, resolvendo deixá-la ir. Porém, o inocente animal sai da ponte, arriscando-se no trânsito para seguir seu caminho. Vendo a possibilidade de um acidente com o pobre ser, a mulher desiste do plano fatal e vai em busca de salvar seu bichinho. Após todo contratempo, decide voltar para casa na esperança de encontrar uma mudança, mas volta para a realidade de guerra, confusão e infelicidade.

Observa-se que, assim como os demais poemas que compõem a obra, em “A tartaruga de Marselha” tem-se a presença de um forte retrato social, ligado a temas muito presentes nas obras de João Cabral: a vida, a morte e a crítica social que envolvem o enredo deste poema, resultando em uma leitura reflexiva, retratando uma temática pesada de forma poética e possibilitando que o leitor pense nessas situações e observe o reflexo dela em seu cotidiano.

Embora a experiência com o poema narrativo não seja algo incomum na produção do autor de **Morte e vida severina** (1955), é em **Crime na calle Relator** que João Cabral de Melo Neto se dedica exclusivamente ao gênero. Nesse sentido, antes de se efetuar a análise de “A tartaruga de Marselha”, é importante, mesmo que de forma breve, apresentar um panorama histórico e estrutural sobre esse modo de composição poética.

O poema narrativo: a trivialização do herói

Como já se viu, assim como os demais poemas de **Crime na calle Relator**, “A tartaruga de Marselha” é um poema narrativo. Trata-se de um gênero de longa duração que, como destaca José Batista de Sales (2011), tem nas epopeias de Homero (**Ilíada** e **Odisséia**) e Virgílio (**Eneida**) os seus primeiros e grandes modelos na cultura ocidental. Em língua portuguesa, podem ser destacados **Os Lusíadas** (1572), de Luís de Camões (1524-1580), **O Uruguai** (1769), de Basílio da Gama (1740-1795) e **Caramuru** (1781), de Santa Rita Durão (1722-1784).

De acordo com João Adolfo Hansen (2008), até o século XVIII, o poema narrativo épico, a epopeia, objetivava a legitimação de regras, valores e costumes de determinada sociedade, assim como a consolidação de um poder, por meio da narração dos feitos gloriosos de um herói representante de uma coletividade (Odisseu, Eneias, Vasco da Gama):

Em seu tempo, a epopeia constituía a mundaneidade de seu mundo como arte que punha em cena as figuras relevantes da experiência do passado e da expectativa de futuro. Para encená-las, o poeta imitava opiniões consideradas verdadeiras nos campos semânticos das atividades discursivas e não discursivas do todo social objetivo definido como “corpo místico” de estamentos subordinados ao rei num pacto de sujeição (HANSEN, 2008, p. 18).

Nesse processo de produção poética anterior ao Romantismo, os poetas se concebem “[...] como artífices politécnicos ou pantécnicos capazes de compor imitando os estilos das autoridades” (HANSEN, 2008, p. 20). Dessa forma, a epopeia era regulada por códigos retóricos, imitativos e prescritivos, definidos pelos tratados e artes poéticas e retóricas, assim como pelo juízo objetivo da recepção, ao contrário dos “[...] critérios expressivos e descritivos da estética, da crítica e da história literária então inventadas pela revolução romântica” (HANSEN, 2008, p. 19).

Segundo João Adolfo Hansen, porém, a partir da segunda metade do século XVIII, com a universalização do princípio da livre-concorrência burguesa, a imposição da objetividade da mais-valia “a todos e contra todos” foi determinante para o declínio da epopeia, “[...] pois o heroísmo é improvável e inverossímil quando o dinheiro é o equivalente universal de todos os valores (HANSEN, 2008, p. 18).

Todavia, embora para Hansen, como consequência das transformações sociais e culturais operadas a partir da segunda metade do século XVIII, a epopeia possa ser considerada

um gênero morto, nos séculos seguintes, a produção de poemas narrativos persistiu. Por sua vez, os elementos do épico, antes regulados de forma rígida pelas preceptivas, visando a confirmação de valores coletivamente aceitos, passam a aparecer ressignificados a partir do processo de subjetivação que o Romantismo operou em “[...] todas as artes como expressão da consciência infeliz dividida e multiplicada pelo dinheiro” (HANSEN, 2008, p. 19).

É o que se observa com a categoria do herói. De acordo com Hansen (2008), na epopeia, os heróis se originam de deuses e figuras míticas fundadoras, tendo como característica o forte sentimento de humanismo, generosidade, prudência, força e valor guerreiro, efetuando ações que estão sempre em conformidade e em defesa da ordem vigente. Segundo o autor, o herói épico não possui individualidade e, portanto, não manifesta desejos pessoais.

Com o “rechaçamento” da imitação e a rejeição por formas pré-estabelecidas a partir da subjetivação operada no século XIX (GOMES e VECHI, 1992), o herói passa por um processo de trivialização. Com isso, torna-se possível a existência de personagens como I-Juca Pirama (1851), do poema homônimo de Gonçalves Dias (1823-1864). Um indígena que, embora sustente traços semelhantes aos atribuídos aos heróis das epopeias, como força e coragem, chora diante do adversário, movido pelo sentimento de preocupação com o destino de seu pai cego. Outro exemplo, já no século XX, é o poema narrativo “Morte do leiteiro” (1945), de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), cujo herói é um trabalhador que entrega leite no subúrbio da cidade, estando os seus valores ligados ao trabalho e a propriedade privada.

Segundo Flávio René Kothe (1985), o que se tem é um “rebaixamento do herói”, com a presença de heróis “anti-épicos”. Dessa forma, afirma o autor, não há mais a morte pela vitória, sendo a sua jornada caracterizada pelo automatismo, partindo do clichê, daquilo que se repete ao ponto de ser sempre previsível. O que antes representava feitos históricos coletivos, afirma o autor, agora transforma-se em enredos de heróis que expõem suas fraquezas e, ao mesmo tempo, salientam as fraquezas da própria sociedade. Assim sendo, embora exista uma variedade de personagens, eles se mantêm dentro de um padrão pré-estabelecido pela narrativa:

O herói pode ser branco ou até preto, homem ou mulher, atuar sozinho ou em grupo, ser um policial ou um cidadão, ser de carne e osso ou ser um super-herói de tevê ou de revista em quadrinhos, ser rico ou ser pobre etc.: a sua função básica é sempre a mesma. Ele é o defensor da lei. A lei é, para ele, aplicação da justiça. E a lei que ele defende geralmente a favor do governo, mas podendo inclusive fazer com que ele em algum momento se volte contra um representante governamental - é, por baixo de todos Os mil escamoteamentos, a lei da propriedade privada, a lei da estrutura vigente nesta sociedade (KOTHE, 1985, p. 70).

Porém, ao se analisar as transformações nas configurações do herói em poemas narrativos produzidos a partir do século XIX, pode-se notar que, embora haja um nítido contraste com os elementos que constituem o herói clássico, essas diferenças não se constroem por simples negação, mas a partir de movimentos de aproximação e afastamento das preceptivas épicas.

“A pedra de uma tartaruga”

“A tartaruga de Marselha” é um poema narrativo composto por 56 versos divididos em 14 quartetos. Com exceção da sétima e oitava estrofe, que contêm versos com nove sílabas, as demais estrofes do poema são compostas por versos octossílabos. Quanto às rimas, embora observe-se a presença de rimas consoantes, como em “possuía” e “companhia”, localizada na segunda estrofe, ou “abismo” e “juízo”, na quarta estrofe, e rimas internas, como em “continuar” e “desafiar”, na sexta estrofe, predomina no poema o uso de rimas toantes, marca característica da poesia de João Cabral de Melo Neto.

O poema narra a história de uma mulher que “sai de casa para matar-se”, levando consigo seu animal de estimação, “a pedra de uma tartaruga”. Sem, a princípio, explicar o que teria desencadeado essa decisão, o poema conta que a personagem vai até a Corniche, uma estrada à beira-mar na cidade francesa de Marselha, com um penhasco, no intuito de se jogar. Todavia, ao perceber que a tartaruga que carregava, ao contrário dela, não tinha decidido também cair “num mar de pedras”, deixa-a na mureta que separa “o marselhês e o abismo”. A tartaruga, entretanto, salta da mureta para a rua e passa a correr, “como não fazem as tartarugas”, em meio aos carros, fazendo com que a personagem suicida percebesse que o bicho “nada tem a ver com sua guerra”. Assim, ela desiste de pular, “apanha o bicho com paciência” e retorna para sua casa, onde aquilo que teria sido a motivação para tirar a vida, “a guerra doméstica acesa”, encontrava-se ainda pior.

Dentre os poucos trabalhos que buscam analisar esse poema de João Cabral de Melo, destacam-se dois “João Cabral: a escolha das pedras”, de Alcides Villaça (2010), e **O poema narrativo em Crime na Calle relator, de João Cabral de Melo Neto**, de Wilquer Quadros dos Santos (2011). Em seu ensaio, Villaça observa como as ações da tartaruga desencadeiam

dilemas éticos, demonstrando os efeitos de sentido oriundos desse processo. Santos, por sua vez, analisa o poema a partir da tradição do poema narrativo, tendo como foco narrador e herói. Em comum, os dois trabalhos destacam a presença material e simbólica da pedra, elemento recorrente na poesia cabralina. No intuito de compreender o processo de trivialização do herói e seu efeito de sentido no poema narrativo de Cabral, as reflexões propostas por esses trabalhos serão o horizonte desta análise.

De início, destaque-se a análise de Wilquer Quadros dos Santos (2011). Santos observa que, a partir da segunda estrofe, é possível notar a construção de três metáforas a partir do elemento pedra: (1) a pedra enquanto representação do instinto animal do homem (“pedra de uma tartaruga”); (2) pedra como esperança (“pedra viva”); e (3) a pedra representando a solidão (“pedra”, termo elíptico). Embora “A tartaruga de Marselha” não faça parte do *corpus* analisado no trabalho, ao ressaltar a presença no poema da temática da morte, Wilquer Quadros dos Santos analisa brevemente a constituição de herói e narrador do poema, a partir dos preceitos da tradição do poema narrativo. Para Santos, a personagem suicida ocupa o lugar de herói no poema de Cabral, porém, sua luta não é em nome de um ideário maior, de virtudes, costumes e pensamentos grandiosos, como um herói clássico, “mas na luta em nome da existência, daquilo que em si há de humano” (SANTOS, 2011, p. 73).

Note-se, porém, que ao se observar com mais atenção os movimentos da personagem tartaruga, também é possível compreendê-la como ocupante do espaço de um herói no poema narrativo de João Cabral de Melo Neto. Inicialmente, ao se efetuar um cotejo dos elementos do poema de **Crime na calle Relator** com as preceptivas para os poemas épicos, com foco no herói, isso poderá ser evidenciado, considerando as possíveis aproximações e os afastamentos. Como destaca Afonso Berardinelli (2007), observa-se em diversos poetas do século XX a presença de uma relação mais livre e aberta com os clássicos e as formas poéticas tradicionais. Para ele, isso “não acontece para criar, em alguns casos, um neoclassicismo restaurador, mas sim para remodelar os mais diversos modos de comunicação” (BERARDINELLI, 2007, p. 33).

João Adolfo Hansen (2008) destaca que a composição do poema narrativo épico, conforme estabelecido inicialmente por Aristóteles (1991), se orientava a partir de partes de quantidade e qualidade, sendo a primeira relativa a elementos materiais do poema, como o título, e a segunda às questões de ordem essencial, como as propriedades da ação heroica. Segundo o autor, por exemplo, em relação às partes de quantidade, a epopeia deveria trazer

SILVA, Larissa Micaelly Adolfo da; MELO, Samuel Carlos. “**A pedra de uma tartaruga**”: o herói trivial no poema de João Cabral de Melo Neto.

como título, necessariamente, algo que fizesse referência ao herói ou ao local em que se passam as ações. É o que ocorre em poemas como **Eneida** (Eneias, herói), **Odisseia** (Odisseu, herói) ou **Ilíada** (*Ilion*, lugar).

No título do poema “A tartaruga de Marselha”, tem-se a presença dos dois preceitos: o lugar em que acontecem todas as ações, a cidade francesa de Marselha, e a referência ao personagem que ocuparia o lugar de um herói, a tartaruga. Santos (2011) também faz essa observação, porém, considera que a menção à tartaruga seria uma forma ambígua de fazer referência a quem a carrega, a personagem suicida, herói do poema, em sua concepção. Essa divergência, já no título, quanto a quem ocuparia o lugar de herói no poema, desencadeia efeitos importantes.

Ao analisar o pensamento da personagem (elemento previsto na categoria “qualidade” dos preceitos épicos), revelado pelo narrador onisciente na quarta estrofe, Wilquer Quadros dos Santos (2011) irá considerar sua ação como “insana e covarde”, sendo a suposta bondade e generosidade, bem como a racionalidade de não se jogar com a tartaruga, apenas uma forma do narrador de justificar o intuito descabido de quem seria a heroína do poema, fruto de seu desequilíbrio:

Deixa-a na mureta que há
entre o marselhês e o abismo
pensa: sem mim alcançará
a vez de seu próprio Juízo.
(MELO NETO, 1987, p. 21)

Observe-se que, ao se considerar a tartaruga como herói, o entendimento sobre as ações e o pensamento é distinto. É o que se pode ver nas estrofes cinco e seis:

Certo que essa pedra tem instintos,
mesmo se é pouco nela o bicho;
mas pouco e encolhido na pedra
ele é animal, e tem caprichos

um dos quais é querer ainda
continuar a sentir-se em vida,
desafiar os riscos dos trânsito
a despenhar-se ali, suicida.
(MELO NETO, 1987, p. 21)

Em contraste com a personagem suicida, nota-se que a atitude da tartaruga, ao optar por enfrentar os carros, é dotada de algo semelhante à “força guerreira” e “coragem” que compõem os preceitos para o épico, revelando que, mesmo sendo uma animal, ela possui “caprichos” (valores). Assim, ao ser deixada na mureta, as ações da tartaruga e, conseqüentemente, seu pensamento, passam a se aproximar das prescrições para as ações dos heróis dos poemas narrativos clássicos.

Nesse ponto, o texto de Alcides Villaça (2010) pode contribuir. Em seu ensaio, Villaça destaca a presença da pedra no poema, observando que “[...] sempre seria possível reconhecer João Cabral como um poeta para quem a pedra não é só um símbolo central” (2010, p. 99). A partir disso, o autor destaca que a pedra, o sólido, o resistente, são substantivados na construção poética de Cabral, buscando “a permutação possível entre a escolha ética e a escolha estética, de tal modo que a pronúncia de um nome já implique em si mesma o valor de uma autêntica eleição” (2010, p.100).

Em “A tartaruga de Marselha”, segundo Alcides Villaça (2010), João Cabral segue essa mesma ideia, pois a pedra não é apenas um objeto, mas, ao mesmo tempo, é o lugar onde a personagem colocaria fim em tudo, as pedras do precipício da Corniche, e o animal responsável pela desistência do suicídio, “a pedra de uma tartaruga”. Villaça destaca a questão ética construída na narrativa por intermédio da tartaruga, que desempenha o papel de abrir os olhos e despertar sentimentos da personagem, fazendo com que haja o “pensar no próximo” e até um sacrifício pelo outro. Segundo o crítico, portanto, a obra apresenta uma verdadeira “educação pela pedra [...] quando as palavras trabalham para salientar as relações que travam entre si mesmas, na força de um sistema que, por sua vez, organiza e expressa a exemplaridade de certas vivências.” (p. 108-109).

É esse processo que permite a aproximação entre o animal de estimação e os aspectos do herói clássico, na medida em que, após ser posto na mureta, diante das pedras cuja dureza pontiaguda estão envoltas pelo aspecto negativo, o da desistência e, portanto, o fim, nas estrofes sete e oito, ele assume o aspecto positivo de ser “pedra viva”, da dureza que resiste e faz a opção de prosseguir, encarando “outra espécie de tartaruga”, os carros na rua, ação que acaba convencendo sua tutora a seguir na “guerra doméstica”, encarando as “pedras de briga”, como se vê nas estrofes seguintes:

Ela então vê que a tartaruga
nada tem a ver com sua guerra
nem pediu para suicidar-se
junto com ela contra as pedras.

Apanha o bicho com paciência
com ele reatravessa a rua
volta a casa para guardá-lo
no seu ninho de tartaruga
(MELO NETO, 1987, p. 22)

Essa suposta bondade e generosidade, que Wilquer Quadros (2011) entende como uma espécie de justificativa do narrador para a “covardia” da protagonista, afastando do caráter heroico, podem ser compreendidas como efeitos produzidos pelo exemplo da tartaruga, cujas ações, assim como as dos heróis clássicos, influenciam e salvam sua tutora, despertando nela, por meio de sua irracionalidade, a razão. Assim, nas estrofes acima, a aparente passividade do bicho, que é levado de volta ao “seu ninho de tartaruga”, esconde o efeito poderoso de seu “valor” enquanto pedra que resiste e ensina.

Antes de prosseguir, retomar a simbologia da tartaruga pode ser relevante. Conforme o **Dicionário de símbolos** (2023), ela está ligada “a água, a lua, a criação, a fecundidade, a imortalidade e a lentidão.” Entretanto, também é o símbolo da sabedoria, concentração e do conhecimento. A ligação entre universo, céu e terra são representadas através de sua anatomia “redonda na parte superior e achatada na parte inferior”, além disso a força e obstinação são reveladas por suas “patas curtas [...] e a sua massa”, suas “quatro patas plantadas firmemente no chão, assim como as patas do crocodilo” representam uma sustentação para o universo.

Dessa forma, segundo o mesmo dicionário, o animal remete ao equilíbrio, “o suporte do mundo e a garantia da estabilidade” e, por isso, pode ser considerada uma divindade, a “mediadora entre o céu e a terra”. Na cultura Chinesa, ela é usada como figura de longevidade e poder, nas tribos nativas americanas são a representação da paz, calma e também de vida longa, e na mitologia hindu é o animal protetor que “carrega o mundo nas costas” e, portanto, é a estabilidade do universo.

Essa simbologia parece estar presente no personagem do poema, encarnada na ideia da pedra, que caracteriza o animal e suas ações, evocando a resistência, a força, a coragem, mas também o equilíbrio, na medida que provoca, como observou Villaça (2010), uma escolha ética,

SILVA, Larissa Micaelly Adolfo da; MELO, Samuel Carlos. **“A pedra de uma tartaruga”: o herói trivial no poema de João Cabral de Melo Neto.**

desencadeando lucidez e racionalidade na personagem que pretendia se jogar do penhasco. Ao mesmo tempo, como já se viu, a simbologia da pedra cabralina também carrega uma dimensão de escolha estética, que pode ser observada não só na estrutura do poema, em sua rigidez e regularidade métrica, ou na presença de aliteração da consoante “p”, como “praia”, “porto”, “pique” e “pedras”, como observou Santos (2011), mas também na própria mitologia relacionada ao animal e a poesia.

De acordo com Alberto Pucheu (2018), a origem da poesia lírica está relacionada, na mitologia grega, ao deus Hermes e seu encontro com uma tartaruga:

Há milênios, ao se deparar com uma tartaruga logo ao sair recém-nascido de sua gruta, Hermes percebeu que ela, se morta, retirada sua carne, a partir de seu casco oco, poderia ajudá-lo. A carapaça seria envolta em couro de vaca, atravessada por duas talas de tálamo, ajustadas acima por uma trave perpendicular, pela qual se estenderiam sete cordas afinadas, de tripas de ovelhas. Morta, com seu casco – a lembrar a gruta em que o deus acabara de nascer –, com o auxílio luxuoso de, ao menos, uma ovelha e um bovino também mortos, a tartaruga seria a primeira a auxiliá-lo, oferecendo-lhe belos cantos através de uma nova arte inventada por ele, que, com seus muitos encantos e diversões, aliava a alegria, o amor e o sono tranquilo (PUCHEU, p. 116, 2018).

Hermes, de acordo com Pucheu (2018), consegue grande prosperidade ao trocar sua invenção com o deus Apolo. Segundo ele, o quelônio que, em vida, servia como proteção, na morte, “assistiria primeiramente a Hermes e, em seguida, a Apolo e, então, aos demais deuses e homens, propiciando-lhes a poesia cantada ao som da lira, música até então inaudita por mortais e imortais” (2018, p.117). É importante ressaltar que Hermes atua como uma espécie de interventor e mediador de conflitos, podendo ser referido como “aquele que está sobre um monte de pedras”, de acordo com o **Dicionário Etimológico da Mitologia Grega** (2023).

Nesse ponto, ao que parece, a tartaruga do poema de João Cabral de Melo Neto, em seu caráter de pedra, ao optar por enfrentar a “outra espécie de tartaruga”, que “corre com a insensibilidade/ do aço, que se sabe que é de aço”, acaba produzindo, concomitantemente, um efeito metapoético da escrita cabralina, em que a poesia, dura, resistente e contundente como uma pedra, é o meio e o fim.

Retomando, tanto a ida para Corniche quanto o “reatraversar” são movimentos interessantes de serem pensados a partir da tradição do poema narrativo. Primeiro, pelo tema da viagem, especialmente pelo mar, presente nas principais epopeias, como é o caso de *Odisseia* e *Os Lusíadas*. No poema de João Cabral, isso ocorre de forma particular, dentro de uma mesma

cidade, em uma rua que termina de frente para o mar. Enquanto Odisseu retorna de Troia para Ítaca e reconquista seu lar, depois da guerra, os personagens cabralinos retornam para casa, após uma guerra íntima, para uma guerra doméstica.

Outro ponto é a própria jornada do herói, ou “monomito” (Campbell, 2007), arquétipo presente em diversas culturas e formas de expressão artística, estruturado em (1) uma iniciação, que é saída de seu local de origem, (2) transformação, a partir dos percalços da viagem, e o (3) retorno, em que faz uso das habilidades que desenvolveu. Tanto a personagem suicida quanto a tartaruga vivem essa jornada particular, porém, a transformação da mulher, como já se disse, só ocorre mediante à ação “heroica” de seu animal que, por sua vez, ao saltar da mureta, também parece ter sofrido uma transformação, passando a concorrer ao espaço de herói.

É importante destacar que, na tradição do poema narrativo, há o registro de personagens animais na posição de herói. É o caso, por exemplo, de **Batracomimaquia: a batalha dos ratos e das rãs** (século II a.C), poema atribuído a Homero, que narra um conflito entre sapos e ratos provocado por um incidente envolvendo o rei sapo e um rato que ele conhece na beira de um lago quando este bebia água. Outra obra de aspecto semelhante é **O Culex**, de autoria e datação ainda incertas (chegou a ser atribuído a Virgílio), poema narrativo que conta a história de um pastor de ovelhas que é salvo por um mosquito de ser morto por uma cobra enquanto dormia, matando o inseto no reflexo da picada.

Esses poemas, entretanto, são enquadrados como poemas herói-cômicos. De acordo com Sales (2009), o herói-cômico se caracteriza por narrar feitos de um anti-herói, fútil, inverso aos grandiosos das epopeias, preservando elementos prescritos para a narração de feitos de um herói grandioso em um poema épico, no intuito de que no contraste com a matéria fútil narrada chegue-se ao humor. Esses poemas, quando não ignorados pelos preceptistas, foram rejeitados, sendo criticados por sua hibridez, como fez Francisco José Freire (1759).

De qualquer forma, embora possam se aproximar de características do herói clássico, ambos os personagens do poema de Cabral se afastam por seu caráter trivial: uma mulher anônima, envolta com seus problemas pessoais, e um animal. Não se tratam, portanto, de figuras notórias, como generais ou políticos, representantes de uma coletividade, mas personagens banais que, por mais que tratem de problemas humanos, os fazem centrados na individualidade.

Diante disso, embora seja possível, como se viu, estabelecer aproximações com alguns elementos prescritos para poemas narrativos clássicos, há um afastamento no que tange à

grandiosidade do assunto e, especialmente, no caráter do herói. Por um lado, ao se considerar a personagem suicida como ocupante do espaço de herói, esbarra-se no fato de ser alguém anônima, socialmente irrelevante, cujas ações e pensamentos são inconstantes, por outro, considerando a tartaruga, por mais que suas ações dialoguem com preceitos do herói clássico, trata-se de um animal de estimação e não um guerreiro, participando de uma “guerra doméstica acesa”.

No poema de João Cabral de Melo Neto, é possível observar um processo de ressignificação dos elementos prescritos para a epopeia, em que o lugar do herói parece ser compartilhado pela mulher suicida e sua tartaruga. O efeito produzido é o de fragmentação, produto daquilo que Hansen (2008) observou como a consciência infeliz e dividida pelo capital após a segunda metade do século XVIII, desencadeando a morte do grande poema épico. Com a quebra dessa unidade, que permitia ao herói ser o representante dessa coletividade, ao poema narrativo moderno, como é o caso de “A tartaruga de Marselha”, restou recuperar as preceptivas para, em um movimento de aproximação e distanciamento do poema narrativo clássico, materializar as angústias do indivíduo moderno em suas epopeias íntimas.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi analisar o poema “A tartaruga de Marselha”, de João Cabral de Melo Neto, tendo como foco o herói trivial. Buscou-se observar como ocorrem os movimentos de aproximação e afastamento dos elementos prescritos para o poema narrativo clássico. Assim, foi possível perceber que há uma espécie de fragmentação do herói, com a personagem suicida e a tartaruga compartilhando o espaço de herói, em uma ruptura clara com a unidade da epopeia. O efeito de fragmentação produzido por isso pode ser lido como o caráter do indivíduo moderno, produto dos processos históricos e sociais desencadeados a partir da segunda metade do século XVIII, que implicaram no fim do grande poema épico. Espera-se que este trabalho possa contribuir para estudos futuros não só sobre poema analisado, mas para a ampliação do arcabouço teórico e crítico de **Crime na calle Relator** (1987).

SILVA, Larissa Micaelly Adolfo da; MELO, Samuel Carlos. “**A pedra de uma tartaruga**”: o herói trivial no poema de João Cabral de Melo Neto.

REFERÊNCIAS

ATHAYDE, Félix de. **Ideias Fixas de João Cabral de Melo Neto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

MELO NETO, João Cabral. **Agrestes - Grupo Companhia das Letras**. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788560281695/agrestes>. Acesso em: 21 set. 2023.

BARBOSA, João Alexandre. **João Cabral de Melo Neto**. São Paulo: Publifolha, 2001. (Folha explica).

BARBOSA, João Alexandre. Lição de João Cabral. **Cadernos de Literatura Brasileira**, n. 1, p. 62-105, 1996 Tradução. Disponível em: biblio.fflch.usp.br/Barbosa_JAC_110_906521_ALicaoDeJoaoCabral.pdf. Acesso em: 21 set. 2023.

BERARDINELLI, Alfonso. **Da poesia à prosa**. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: CosacNaify, 2007.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 32. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRANDERELLO, Sara. A Revisão da História Oficial em Crime na Calle Relator. In: **Revista USP**. n. 67. São Paulo: 2005, p. 317-320.

CAMPBELL, Joseph. **Herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO DA MITOLOGIA GREGA. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/409973/mod_resource/content/2/demgol_pt.pdf.

FREIRE, Francisco José. **Arte poética**. 2. ed. Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1759, tomo I e II.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1978.

GOMES, Álvaro Cardoso; VECHI, Carlos Alberto. Introdução. In: **A estética romântica**. São Paulo: Editora Atlas, 1992.

HANSEN, João Adolfo. Notas sobre o gênero épico. In: TEIXEIRA, Ivan (Org.). **Épicos**. (Prosopopéia, O Uruguai, Caramuru, Vila Rica, A Confederação dos Tamoios, I Juca Pirama). São Paulo: EDUSP/ Imprensa Oficial. 2008.

KOTHE, Flávio René. **O herói**. São Paulo: Ática, 1985.

SILVA, Larissa Micaelly Adolfo da; MELO, Samuel Carlos. **“A pedra de uma tartaruga”: o herói trivial no poema de João Cabral de Melo Neto.**

LUKÁCS, György. O romance como epopeia burguesa. **Ensaio Ad hominem/ Estudos e edições Ad hominem**, n. 1, tomo 2, p. 87-135, 1999.

MELO NETO, João Cabral. **Crime na Calle Relator**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

PUCHEU, Alberto. Que porra é essa - poesia?. In: **Que porra é essa: poesia?**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2018.

RAMIRES, Francisco José. **João Cabral: angústia e mudança social em versos (esboço de análise sociológica)**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2009.

SALES, José Batista de. **O poema narrativo no Brasil**. Das origens a Mario de Andrade. Relatório de estágio pós-doutoral. Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. Porto Alegre, 2009.

SALES, José Batista de. **O Almada, de Machado de Assis: Leitura e Crítica: O poema narrativo: épico, heróico e cômico**. UFPR – Curitiba, Brasil, 2011.

SANTOS, Wilquer Quadros dos. **O Poema Narrativo em Crime na Calle Relator, de João Cabral de Melo Neto**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/ Campus de Três Lagoas, 2011.

SANTOS, Wilquer Quadros dos. Crime na Calle Relator: o estatuto do herói e do narrador do poema narrativo moderno EM João Cabral de Melo Neto. **REVELL**-Revista de Estudos Literários da UEMS, v. 2, n. 11, p. 254-279, 2015.

TARTARUGA. In: **Dicionário de Símbolos**. Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/tartaruga/>. Acesso em: 26 out. 2023.

VILLAÇA, Alcides. João Cabral: a escolha das pedras. In: Denise Millan; Olgária Mataos. (Org.). **Gemas da Terra** - Imaginação estética e hospitalidade. São Paulo: Edições SESC SP, 2010.

Recebido em 08/01/2024

Aprovado em 01/02/2024